

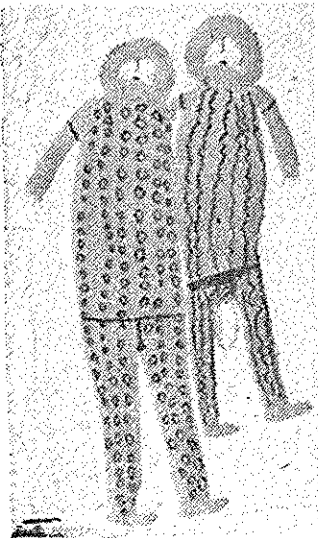
# Os índios Yãnoman recriam o mundo

Três interpretações dos mitos indígenas se conjugam num só projeto gráfico que resultou no livro "Mitopoemas Yãnoman" que será lançado hoje, às 18 e 30, na Olivetti do Brasil (avenida Paulista, 453). Tudo começou com uma pesquisa fotográfica de Cláudia Andujar quando em 1974, completava documentação sobre os índios Yãnomann, no território de Roraima, na região do médio e alto rio Catrimani. Se a fotógrafa não sentisse, porém, seu trabalho incompleto, não teria surgido a oportunidade da segunda interpretação da cultura Yãnoman. Foi então que Cláudia pensou em pedir aos próprios índios que desenhassem seus próprios mitos. Três deles — Koromani Waica, Mamokê Rorowê e Kreptip Wakatautheri —, que nunca tinham usado lápis e papel, rapidamente dominaram esses meios e desenharam, desenharam muito. E, à medida em que foram criando suas visões plásticas dos mitos de tradição oral do seu povo, foram também interpretando verbalmente as lendas, uma forma de leitura dos desenhos.

No livro, presente especial que a Olivetti reservou para este fim de ano a edição é de apenas 2.500 exemplares, estão articuladas três criações: a dos índios-desenhistas, a dos índios-narradores e a da fotógrafa. Não é, portanto, o que os antropólogos poderiam chamar de uma obra científica sobre a cultura Yãnoman, mas um resultado plástico, literário e sobretudo cultural, como situa a introdução do livro: "A fusão da palavra oral e desenho resultou em poemas e mitos ou mitopoemas. Esses mitopoemas, uns mais acabados que outros, não pretendem representar uma visão completa da mitologia Yãnomani. É provável haver divergências entre, por exemplo, os mitos Yãnomani do alto Orinoco e os do rio Catrimani. Ressalta neles todos, porém, a raiz comum, considerada inclusive a personalidade própria de cada narrador." Há vestígios de subjetividade, de autoria, sem que este caráter artístico possa ameaçar a validade da pesquisa enquanto "preservação da memória cultural brasileira", o que, aliás, a Olivetti propõe com este lançamento.

Emilie Chamie, que concebeu o projeto gráfico, usou o espaço de forma a pontuar, com ritmo, a integração das diferentes autorias. Assim, o desenho é o mitopoema se armam num mesmo conjunto gráfico e as fotos de Cláudia Andujar, inspiradas nas situações narradas pelos índios, se intercalam em fotolitos. Após cada narração, que conserva as características sintáticas da linguagem original (embora em português), segue uma tradução em três línguas: o próprio português, já então seguindo a sintaxe poética da língua, em italiano e em inglês. Carlo Zacchini, missionário que convive com estes grupos indígenas há mais de 10 anos, trabalhou com Cláudia e fez as adaptações dos mitopoemas para o português; a tradução italiana é de Pietro Maria Bardi e, a inglesa, de Michael P. Potter.

O escritor Mário Chamie, que coordenou a edição de "Mitopoemas Yãnoman", foi assessorado também por especialistas em cultura indígena que colaboraram em sínteses históricas e no glossário que vem no fim da obra. Paulo Vanzolini, o próprio Carlo Zacchini e João Mursa Pires se encarregaram de notas explicativas sobre os índios Yãnomani, bem como sobre a sua concepção de universo e o seu vocabulário mítico. Pietro Maria Bardi, diretor do Museu de Arte de São Paulo, reforça, no prefácio, que "quanto aos Yãnoman, nômades daquela cultura que vivem no Território de Roraima (Brasil) às margens do alto e médio Catrimani, este livro traz novos elementos para determinar sua mitologia, nem sempre clara pela diversidade de narrações, às vezes contraditórias". Mais uma vez se chama atenção para a pluralidade de interpretações de que este livro é um exemplo. E Bardi acrescenta: "Aos antropólogos é reservada a conclusão, aliás, as conclusões, pois conhecidas são as divergências interpretativas deste tipo de indagações; a quem se dedica aos problemas de linguagem e expressão, em que se visam fatos definíveis como arte, é atribuído o costumeiro julgamento estético." (C.A.M.)



## A criação da mulher

Mulheres não mesmo há, mulheres.  
 Yoinani filha pescava,  
 filha, filha, Tèpèresi filha pescava Omam.  
 Mulheres não mesmo há, não mesmo.  
 Mulheres não havia antigamente, não.  
 Yonomani não mesmo, sozinho Omam somente mora.  
 Omam dele somente,  
 primeira era Yoinani,  
 primeira era Tèpèresi mulher,  
 fundo estava água dentro, fundo  
 Omam pescava.  
 Omam da mulher a filha,  
 Tèpèresi filha pescava.  
 Mulher não mesmo.  
 Tèpèresi filha sexo fechado muito,  
 sexo buraco não.  
 Homem, homem ela não mesmo.  
 Pequeno urina buraco, pequenino era;  
 pequeno urina o buraco.  
 Yoinani, Yoinani urina o buraco pequeno muito,  
 beija-flor anus como,  
 urina somente estava vertendo, pequeno.  
 Tèpèresi filha o sexo fechado muito.  
 Antigamente sexo fechado muito estava,  
 Omam no sexo buraco lhe fez,  
 sexo buraco copulava.  
 Fechado, o sexo, o sexo estava,  
 o sexo fechado,  
 Piranha dentes sexo buraco fazia,  
 piranha dentes sexo corta estreito e comprido.  
 Cortou estreito e comprido,  
 o sexo buraco primeiro.  
 Sexo perfumado muito era,  
 Nani, mulher Nani perfumado muito agora sexo.  
 O sexo para o pênis.  
 Moxirim (árvore não identificada) folhas,  
 Omam o sexo da mulher está esfregando.  
 Sexo da mulher primeiro Nani bonito muito tinha.  
 Fechado duro;  
 piranha dentes sexo de mulher lhe corta.  
 Para baixo, cortou subindo,  
 comprido estreito.  
 Bonito.

